

CAU/SP Conselho de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo

CONSELHO DE ARQUITETURA E URBANISMO DE SÃO PAULO

COMISSÃO PERMANENTE DE ENSINO E FORMAÇÃO

ATA DA 11º REUNIÃO ORDINÁRIA REALIZADA EM 09/11/2017

10 11

12

13 14

15 16

17

18

19

20 21

22 23

24 25

26

27

28

29 30

31

32 33

34

35 36

37

38

39

40

41 42

43

44 45

46 47

48 49

50

51

52

53

2

3

4 5

> Ao nono dia do mês de novembro de dois mil e dezessete, às 10:00 horas, reuniramse na rua Formosa, nº 367, 23º andar, no Centro, São Paulo - SP, os componentes da Comissão Permanente de Ensino e Formação do CAU/SP para a realização da 11ª Reunião Ordinária de 2017. A reunião foi conduzida pelo coordenador da Comissão Permanente de Ensino e Formação, o conselheiro Arq. Urb. Flávio Marcondes. Estiveram presentes a coordenadora adjunta cons. Arq. Urb. Vera Santana Luz e os Membros Titulares da Comissão conselheiro Arq. Urb. Paulo André Cunha Ribeiro; conselheiro Arq. Urb. José Antonio Lanchoti, conselheiro Arq. Urb. Nelson Gonçalves Lima Jr. Participaram também o diretor adjunto da DEF CAU/SP Arg. Urb. Paulo Canguçu Fraga Burgo, a coordenadora técnica da DEF Arq. Urb. Érika Martins de Paula e a analista técnica da DEF CAU/SP Arq. Urb. Maria Flávia Marques. O conselheiro Arq. Urb. João Carlos Correia e a conselheira Arq. Urb. Anne Marie Sumner justificaram ausência. O Arq. Urb. Fábio Mariz Gonçalves, do GT - Formação continuada, participou como convidado da CEF/SP. 1. Verificação de Quórum e abertura da 11ª Reunião Ordinária da Comissão Permanente de Ensino e Formação do CAU/SP de 2017. O coordenador da Comissão cons. Flávio verificou quórum e deu início à reunião. 2. Seminário. O cons. Flávio perguntou a cons. Vera se ela já havia encaminhado todos os convites. A cons. Vera informou que está encaminhando e que pretende finalizar ainda esta semana. Confirma que fará a relatoria do seminário e solicita aos demais conselheiros que se dividam nas demais atividades no decorrer do seminário. O cons. Flávio pergunta sobre o Kit. O cons. Nelson pergunta qual o apoio que eles terão dos funcionários da DEF. A cons. Vera diz que com certeza a analista Flávia e, pergunta ao cons. Paulo Burgo se tem a possibilidade de ceder três funcionários para o evento. O cons. Paulo Burgo diz que como já está registrado na ata anterior, está totalmente a disposição e que particularmente acha que todos devem participar. O cons. Paulo Burgo solicita que a autorização conste em ata para evitar memorando. A coordenadora Erika solicita a analista Flávia que entre em contato com a profa. Paula, da FAM, para combinar a ida no dia 23 à tarde para arrumar o espaço e levar o material que será utilizado no seminário. A cons. Vera solicitou que fossem verificar o espaço que será cedido para o evento, conforme combinado anteriormente: duas salas planas para aproximadamente 60 pessoas cada. O cons. Paulo Burgo pede que a analista Flávia, que assessora a comissão, vá com mais um funcionário para verificar as salas e depois, na véspera do seminário, para arrumar o local. O cons. Flávio diz que está com um rascunho do que foi decidido até agora para as mesas 1, 2 e 3; e que precisa decidir quem vai acompanhar os trabalhos em cada uma das mesas. "Sugiro que o Lanchoti ou o Paulo André explique o processo de trabalho para os participantes. Tenho dúvida sobre o GT de formação continuada, não entendi muito bem, mas eles gostariam de colocar o assunto em relação aos coordenadores das IES. " A coordenadora Érika confirmou e disse que o coordenador do GT virá para conversar sobre isso. O cons. Flávio pergunta se isso seria uma mesa. "Porque não acha que deve ser outra mesa por várias razões. A primeira porque o nosso foco é o trabalho realizado nas visitas e não abordamos o tema formação continuada. Acho que pode aproveitar a oportunidade do evento com os coordenadores e falar um pouco sobre isso, mas não sei como encaixar o assunto no evento. O cons. Nelson diz que acredita que o Arq. Fábio quer

WB A

Mi

CAUS Paulo Conselho de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo

presentar a experiência com a residência de arquitetura. O cons. Paulo Burgo diz que ele não vai apresentar isso. O cons. Paulo André diz que se for para falar do GT tem a ver com o CAU, agora o projeto com a USP é outro assunto. O cons. Flávio volta a dizer que precisa ver como encaixar nas mesas. A cons. Vera pede a palavra e lembra que o convite enviado diz: "(...) gostaria de convidá-lo para o Encontro Estadual com as IES - Instituições de Ensino Superior de arquitetura e Urbanismo do Estado de São Paulo para debater os seguintes temas: Estágio Supervisionado; Escritório Modelo/ Empresa Junior; EaD - Ensino à Distância; visando o estreitamento de laços do sistema educacional de arquitetura e urbanismo com o CAU/SP e o debate das questões acadêmicas, qualidade profissional e seus reflexos na comunidade, para o qual gostaríamos de contar com a sua presença(...). Poderíamos colocar mais uma mesa, a mesa 4, caso ache adequado. "O cons. Flávio acha que não deve ter outra mesa, porque o seminário é um fechamento das atividades desenvolvidas pela CEF/SP. A cons. Vera diz que o tema Formação Continuada, não é nem mesa e nem palestra. O cons. Lanchoti diz: "concordar com os coordenadores que o seminário foi estruturado com um propósito, mas num determinado momento inicial ou final tem uma parte institucional. Essa fala institucional inicial será do cons. Flávio sobre a CEF. O Arq. Fábio coordena um GT que também está ligado ao ensino, então poderia ser uma fala reduzida para mostrar uma questão institucional que o CAU tem, que são os GT's. Seria uma fala institucional do que é o GT e o que ele propõe. " O cons. Nelson pergunta sobre o Arq. Fábio. O cons. Lanchoti diz que o Arq. Fábio teve um imprevisto, mas que já está a caminho. A cons. Vera aproveita para confirmar as atividades de cada conselheiro, durante o seminário, e diz que fará a relatoria. O cons. Flávio diz que ele fará a abertura falando sobre as atividades da CEF, o cons. Lanchoti fala da CEF CAU/SP e ensino, Fábio Mariz fala do GT, o cons. Nelson e o cons. Paulo Burgo falam da coordenação de curso e a CEF / DEF respectivamente, o cons. Paulo André fala da metodologia. O cons. Paulo Burgo pergunta se não convidaram o presidente. O cons. Flávio diz que sim, e que a fala dos convidados será antes destas, inclusive a do diretor caso deseje. A cons. Vera coloca que o cons. Paulo Burgo tem uma posição interessante porque é diretor da DEF e coordenador na UNIP, assim como o cons. Nelson que é membro da CEF e diretor na UNISANTA. Seria, sem dúvida, uma fala interessante a de vocês. A coordenadora, da DEF, Érika pergunta se já encaminharam os convites para o federal - o presidente Haroldo e o representante das IES cons. Geraldine. A cons. Vera disse que ainda não foram encaminhados. O cons. Paulo André solicita a coordenadora Érika para providenciar banners. A cons. Vera diz que além dos coordenadores irá convidar o presidente do CAU/BR e do CAU/SP, o representante e coordenador da CEF/BR cons. Geraldine, a presidente da ABEA. O cons. Flávio pede para a analista Flávia enviar informações sobre as escolas: quantas são, quantas estão funcionando, quantas não formam turmas, egressos, referentes ao estado e país. A coordenadora Érika pergunta: "se tem alguma exigência para a montagem dos kits que serão entregues para os coordenadores. Costumamos enviar a programação, bloco, caneta. " A cons. Vera diz que vai preparar o questionário e encaminhar para impressão. A analista pergunta se terá um questionário de avaliação. A coordenadora Érika pergunta se vai ter crachá. Fica definido: Kit - pasta, programação, questionário - temática das mesas, questionário de avaliação, bloco, caneta e crachá. O Arq. Fábio chega à reunião. O cons. Flávio diz que gostaria de ouvir um pouco sobre o GT e o que ele gostaria de expor no seminário da CEF, para ver se encaixa ou não no seminário. O Arg. Fábio agradece por ter sido convidado para a reunião e diz que tem conversado muito com o cons. Paulo Burgo e também com a coordenadora Érika sobre o papel do CAU nesse processo da formação. "O CAU não tem um papel de fiscalizar as escolas, esse papel é do MEC. E nessa demarcação de território estamos inevitavelmente enfrentando há algum tempo, ataques sistemáticos das nossas competências profissionais. As

They was

55 56

57

58

59 60

61

62

63

64

65

66

67 68

69

70 71

72 73

74

75

76 77

78

79

80 81

82 83

84

85

86

87

88

89 90

91

92

93

94 95

96 97

98

99

100 101

102

103 104

105

106

CATI/SP Conselho de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo

108

109

110

111

112 113

114

115

116

117

118

119

120

121

122

123

124

125 126

127

128

129

130

131

132

133

134

135 136

137

138

139

140 141

142143

144

145 146

147

148 149

150

151

152

153

154

155

156

157

158

159

mpetências que um arquiteto tem são tão vastas e tem uma construção histórica tão importante, que ela é sempre alvo de crítica e disputa. Desde que nós criamos o CAU e desvinculamos do CREA, ficamos cientes de que isso abriria um flanco de ataque. O CREA fez as revisões das competências de engenheiros agrônomos e civis, colocando algumas das nossas competências também nas mãos deles. Então, o que nós refletíamos é que o papel do CAU, também é definir as atribuições profissionais que ele fiscaliza. É preciso fiscalizar os profissionais e garantir que eles tenham as competências necessárias, para defender as nossas competências profissionais. No GT, temos muita gente boa e todos são da área de ensino. E nós sabemos que as escolas não dão conta de tratar todos os assuntos, importantes das nossas atribuições profissionais, durante a graduação. Então, é na formação continuada que temos que defendê-las. Temos que mostrar que a formação não se encerra na graduação e que ao longo da vida profissional, vamos nos capacitando e aprofundando naquilo que foi introduzido na graduação. Quando o CAU emite a CAT e diz que o arquiteto desenvolveu o projeto, com tais características, já está reconhecendo que este projeto capacita para ser um profissional a mais. Já é atribuição do CAU chancelar, validar a formação continuada. Hoje existem vários cursos de formação continuada e esse quadro é muito dinâmico, muda constantemente. Sonhávamos em tentar estruturar no CAU um sistema de monitoramento e avaliação desses cursos, mas percebemos que seria inviável porque os cursos não são estáveis. Muitos desses cursos estão sendo oferecidos à distância, por ser mais acessíveis ao público, mas isso dificulta o monitoramento e avaliação. Vimos que em outros países, os conselhos profissionais criam provas de validação de especialidade. Então, o CAU poderia criar provas que faria parte da diretoria de ensino do CAU, do colegiado do CAU, e discutir quais seriam as especialidades. Isso tem uma construção dinâmica, não é uma coisa que vai nascer pronta, mas poderia ter especialidades em: acústica, paisagismo, arquitetura hospitalar, gestão urbana e tantas outras; que estão na nossa lista de competências e que o arquiteto quando se forma já tem na lista de atribuição. Atribuição não, formação. Ele faz uma especialização para deter conhecimento, como o mercado já faz com as CAT's. Numa licitação, se não tiver a CAT não participa do edital. Lembrando que para trabalhar na área, a competência profissional, já foi dada na graduação. Não é um exame da ordem, não é nada parecido com isso. O que nós imaginamos é que poderia ser uma das pautas para a próxima gestão do CAU, discutir a estruturação de um sistema de validação de especialidades, que no fundo fortalecem nossas competências. " A cons. Vera observa que isso não faz sentido, no caso de strito sensu e lato sensu. O arq. Fábio concorda. O cons. Lanchoti pergunta: Você usou o termo validação. O arq. Fábio diz: "Não, na verdade é reconhecimento de especialidade. " A cons. Vera sugere chamar de registro, porque a CAT é uma espécie de certificado. O cons. Flávio diz ter uma dúvida porque as especializações são validadas pela própria escola. "Então, não seria, uma validação a mais. Para o MEC, mesmo, o professor tem que ter no mínimo especialização. Notório saber é a instituição que dá. " A cons. Vera diz que o que o arq. Fábio está falando é que a gente reforça, o arquiteto como capaz de fazer algo. O cons. Flávio diz que no início da fala o arq. Fábio disse: o CAU é isto e, o MEC é isto. "Eu não sei qual é o melhor caminho para fazer isso. Só estou falando porque nós estamos provocando. Você falou de notório saber. Notório saber a universidade que dá. " O arg. Fábio diz que não é uma disputa nesse campo, entendo sua dúvida e compartilho. "O que o Mackenzie, a USP ou qualquer outra instituição queira dar de título não está em disputa. O Mackenzie vai continuar podendo dar o seu notório saber. Nas atribuições tem muita coisa e somos obrigados a admitir, que nenhum de nós domina. Isso abre uma brecha. Quando fizemos a residência a disputa estava lá, na engenharia não tem nenhuma disciplina de história, então, eles não podem fazer restauro. Patrimônio não é com eles e foi tirado. Fomos buscar nas cargas disciplinares, nos conteúdos disciplinares da

The state of the s

CAUS Paulo Conselho de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo

161

162

163

164 165

166

167

168

169

170

171

172173

174

175

176

177

178 179

180 181

182

183 184

185

186 187

188

189

190 191

192

193

194

195

196

197

198 199

200

201

202

203

204

205

206

207

208

209

210

211

212

graduação, o conteúdo que validava as competências. Se fizermos uma análise rigorosa numa graduação com 3600 horas, lembrando que sabemos que existe uma pressão para que boa parte dessa carga horária vire à distância, é muito difícil reconhecer dentro dos conteúdos disciplinares, os conteúdos que garantam todas as atribuições que hoje temos. E nós sabemos que foi uma batalha da profissão conquista-las e no Brasil faz muito sentido mantê-las íntegras. Existem projetos de criação de cursos de graduação de paisagismo, de urbanismo e somos contra o desmonte da formação. Então, precisamos pensar no ensino de formação continuada e estruturar tudo isso, enquanto a graduação continua cumprindo seu papel que é a introdução de todos os assuntos. Hoje temos mil formas de formação. Na prática profissional, se você fizer dez hospitais já detém o conhecimento e tem a CAT desses projetos, emitida pelo CAU. Mas ele não é especialista. E não é na escola que ele vai encontrar pessoas capazes de medir essa sua formação. Se o CAU aplicar uma prova, lembrando que terá que contratar alguém para elaborar a prova, a cada dois anos, para certificar que aquele profissional é especialista em arquitetura hospitalar, por exemplo. " A cons. Vera sugere o termo de "comprovação de especialização". O arg. Fábio diz que o termo deve ser escolhido para não sobrepor a certidão - que seria a CAT. "Quando o CAU diz que tem um profissional, especialista, porque passou por uma prova, ele está fortalecendo nossas competências profissionais. Ele reconhece que o arquiteto é capaz de fazer aquela atividade específica. No fundo é uma estratégia, porque se o papel do CAU é fiscalizar o arquiteto e suas atribuições, também é seu papel reconhecer quem tem estas competências. Não é fácil e não temos respostas para tudo, mas estamos vislumbrando que este é um caminho importante na gestão que se inicia, no ano que vem. O que o Conselho vai pautar na questão do ensino e das competências profissionais. O Ensino à distância que para nós é visto com uma série de ressalvas e preocupações, mas existe a possibilidade de um profissional bom, que está lá em Rondônia, e está vendo cursos americanos porque tem fluência em inglês, fazer a prova e receber a comprovação de especialização. O que vai acontecer quando o CAU criar esse mecanismo é a organização do sistema de ensino. Vamos ter curso de especialização para arquitetos e quando este profissional for contratado, ele apresenta também a certificação do CAU. "O cons. Nelson observa que no caso de concorrências, o arquiteto pode não ter a CAT, mas ter o certificado. A cons. Vera diz que tem algo importante, nisso tudo, que muitos vão trabalhar com alguém especializado para a partir daí conseguir comprovar experiência por ter CAT derivado, dessa atividade conjunta. O Arq. Urb. Fábio pergunta quantos tem experiência de escritório e não tem CAT. A cons. Vera pede para não chamar de prova, mas de chancela. O cons. Lanchoti diz que acha interessante a construção e o raciocínio do GT, mas que não dá para caminhar nessa direção de prova ou exame. "Acho perigoso, o profissional ter que provar para nós alguma coisa. O CAU não tem essa atribuição de avaliar atividade. A CAT já existe, de alguma forma. O que não existe é como que esse volume de CAT, ou CAT de um projeto, pode refletir na qualidade. " O Arq. Fábio fala que é um sistema de certificação de especialização. O cons. Paulo André pergunta se a CEF/BR não estava estudando incluir as especializações no registro do CAU, como o CREA está fazendo. O cons. Lanchoti diz que é uma coisa que já foi discutida no início do CAU, que era um Lattes. Nós poderíamos ter no CAU, ou no SICCAU, um local onde pudéssemos registrar a produção, isso ajudaria na questão da autoria e para mostrar a produção. A cons. Vera diz que é diferente, isso já é feito nas RRT e CAT's, falta registrar sua formação posterior a graduação, as especializações. O Arq. Fábio diz que 3600 horas para estudar é pouco e, portanto, é necessário se especializar. Hoje tem várias formas de se formar: pode ser num curso ou sozinho, me capacitando num escritório, ou ainda ao lado de alguém que saiba mais que eu. Eu preciso mostrar que sei. Não é um título, é mais uma modalidade, que não exclui as demais. Ela não dá atribuição profissional,

£3 21



m X

Conselho de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo

214

215

216

217

218

219

220

221

222

223

224

225

226

227

228

229

230 231

232

233

234

235

236

237

238

239

240

241

242

243

244

245 246

247

248 249

250 251

252

253

254

255

256

257 258

259

260

261

262

263 264

265

orque atribuição é na graduação. É formação. A cons. Vera diz que na verdade esse profissional precisa mostrar que sabe fazer. O cons. Flávio diz não enxergar a melhoria. "Vou dizer a minha preocupação é com a qualidade, porque a fiscalização se restringe a ver se tem RRT. Se está tudo errado, mas tem RRT, um carimbo a mais não faz diferença. Temos que entrar na questão da qualidade. " O arg. Fábio diz entender perfeitamente e acha que pode melhorar no sentido de fazer as pessoas entenderem que arquitetura é difícil e que você tem que estudar muito. "Na prática, quem dá aula já viu, o recém-formado que era um nó cego quando saiu da graduação e, o mesmo cara, quinze anos depois se transforma completamente porque aprendeu na sua trajetória, trabalhou com gente certa. E tem aluno que na faculdade gabarita e sai de lá e vira um zero. A formação se dá muito depois e é isso que o CAU fiscaliza, o exercício profissional do arquiteto. " O cons. Lanchoti diz que para fechar a impressão que me dá é que vocês não têm nada fechado, vocês abriram a discussão e avançaram em alguns pontos. "Acho que no seminário pode ser uma fala, que não seja conclusiva. Gostaria que a palavra prova, não fosse utilizada para não cair numa discussão de exame de ordem. Deixar bem claro que este GT tem um papel importante para levantar essa questão e que seria muito bom que esse GT continuasse a existir, para que isso avançasse. " O cons. Flávio pede a palavra e diz que sem entrar nas discussões, podemos ter um apanhado da importância do GT e a importância da educação continuada, logo após a fala do Lanchoti sobre a CEF e o ensino. O cons. Lanchoti diz ter medo que o coordenador chegue na escola e diga que o CAU vai acabar com a pós-graduação, porque agora ele vai bater o carimbo. O cons. Nelson explica que o Seminário é uma devolutiva das visitas realizadas pela CEF/SP nas IES, onde buscamos informações para nos apresentarmos enquanto parceiros e não como protagonistas. Então, se é para colocar uma pauta a mais, não dá para colocar na mesa, tem que colocar como uma fala de que não é só a graduação e que o GT está pensando na formação continuada. O cons. Flávio diz que só para deixar claro, nós organizamos o Seminário, tipo oficina. Vamos fazer três grandes mesas de discussão dos assuntos que nós levantamos nas visitas. Em linhas gerais: Mesa 1 - escritório modelo e empresa jr., Mesa 2 - Estágio e Mesa 3 - EAD. Nesse contexto, a ideia é fazer um diagnóstico. É um Seminário conclusivo, dos nossos encontros com as IES do estado. O arq. Fábio concorda que nesta estrutura apresentada, qualquer provocação desvirtua o trabalho. "É que no fundo, o GT de Formação Continuada estava tentando fazer um evento para levar essa provocação. Nós entendíamos que era importante deixar a provocação no ar para que a nova gestão se mobilize. Não temos a resposta e nem enxergamos com simplicidade o desafio. E um desafio imenso e que com certeza vai consumir uma gestão. A cons. Vera diz que na verdade ele gostaria de garantir que a próxima gestão estivesse ligada ao tema. O arq. Fábio disse que é exatamente isso e que tentaram achar uma data para um evento, mas que não foi possível. A cons. Vera pergunta porque não pode ser escrito para sair no boletim, acho que merece um texto do GT, não só na revista publicada, mas também no site. O arq. Fábio diz que seu objetivo ao vir para a reunião era aproveitar o Seminário da CEF para colocar isso para os coordenadores de cursos. "Da maneira como está estruturado concordo que seria um desvirtuamento desnecessário. Se vocês me derem a oportunidade de ao menos passar o recado e a gente coloca a estratégia: que agora o CAU está preparando uns vídeos, que vai sair publicação em revista e documentário. Agora eu passo só o recado da importância da formação continuada em defesa das atribuições profissionais e, que estamos pensando ser papel do CAU encontrar estratégias de verificação da conquista dessas competências. O cons. Paulo Burgo diz achar bom e acha que podem pensar na possibilidade de trabalhar em todas as mesas. Porque não trabalhar nessa conversa, dentro do espaço da CEF, esse espaço de abertura do conceito e depois trabalhar no vídeo que está previsto com você de forma mais aprofundada na discussão e no outro



CAU/SP Conselho de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo

próprio artigo. Acho que pode ser trabalhado nos três níveis, não vejo problema nenhum. O arq. Fábio diz que estamos em transição e a gente não sabe o que vai acontecer na próxima gestão, mas seria bacana que a próxima gestão chamasse os GTs, para contar o que cada um deixa de legado. O cons. Flávio diz que inclusive é proposta do cons. João Carlos, na reunião passada, que o resultado do seminário seja uma proposta para a próxima CEF. Acho que é uma coisa boa encerrar uma gestão, com um documento. O cons. Paulo André pergunta se alguém já viu o documento que saiu da portaria 40, que estava previsto para o dia 31. O cons. Nelson disse que foi publicado no dia primeiro. O cons. Paulo André disse que anotou alguns pontos, que considera importante e que estariam no documento; formas transformadoras de ensino aprendizagem - compromisso com os ingressantes, a minoria de proficiência dos alunos do ensino superior; a inclusão de especialistas na sua capacidade de saber; atualização de conteúdo; novos procedimentos - pesquisa, pós-graduação e extensão. Nós fizemos na prefeitura, na última gestão, a residência e funcionou muito bem. Dos trinta e dois residentes tinha gente ótima, que fazia tudo. O ingresso foi feito através de prova, e na verdade não estamos fazendo nada que as outras áreas não fazem. É um jeito de proteger as competências, é esse o ponto. O cons. Flávio diz que na verdade estamos jogando dos dois lados: o que significa incentivar os cursos de formação continuada. Significa que os cursos de graduação estão cada vez piores, ou não. Porque que a educação continuada é boa, é porque a graduação é muito fraca. Quando tinha uma graduação ótima, ninguém precisava. Pensando assim concordo com você, mas tenho medo de que a graduação piore muito. O arg. Fábio diz que na verdade o recado é que a formação do arquiteto é constante e contínua. O cons. Flávio pede para conferir a programação, e incluir o GT. O arg. Fábio pergunta o tempo que será dado para sua fala. Terá 15 ou 20 minutos. O cons. Flávio conferiu os participantes da mesa. 3. Assuntos gerais. Nada consta. 4. Encerramento. O Coordenador da CEF agradeceu a participação de todos e em nada mais havendo a ser tratado, às 12:30 horas deu por encerrada a presente reunião, e eu. Maria Flávia Marques, analista técnica da DEF, relatei e lavrei a presente ata, e que após lida e aprovada, foi assinada por todos os presentes.

291	[
298	Flávio Marcondes
299	1 1 1 1 2 Volument
300	1 (1) \ (MITTHE)
301	Vera Santana Luz
302	\sim
303	
304	Nelson Gonçalves Lima Jr
305	
306	1 My Mills
307	Paulo André Cunha Ribeiro
308	
309	
310	José Antonio Lanchoti
311	100 - 100
312	
313	Fábio Mariz Gonçalves (GT)
314	
315	Just
316	Paulo Canguçu Fraga Burgo
317	

267

268

269

270271

272

273

274

275

276

277

278279

280

281

282 283

284

285

286

287

288

289

290 291

292

293

294

295

296

318

320

321322 Maria Flávia Marques (relatora)

Ministeria lengues